



Eunice Lara Casarino

**LEITURA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS E
REFLEXIVOS**

Lavras – MG

2021

Eunice Lara Casarino

**LEITURA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS E
REFLEXIVOS**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Valdete Aparecida Borges Andrade

Lavras – MG

2021

Resumo

Este trabalho trata não só sobre a importância da atividade de leitura e escrita na instituição escolar, mas também sobre como a instituição escolar pode contribuir com as crianças e adolescentes, para adquirirem o hábito de leitura. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos: a) demonstrar que a leitura pode ser benéfica como grande ferramenta no ensino/aprendizagem; b) apontar como a instituição escolar pode contribuir para a emancipação de seus alunos através de propostas de trabalhos com leitura e escrita. Compreendemos que ler vai além de decodificar o signo linguístico. Assim, neste artigo, procuramos discutir o que envolve a compreensão de um texto e como se constrói o leitor de forma crítica e reflexiva. O desenvolvimento do texto vai colaborar para ampliar a visão dos educadores sobre o uso da leitura nas aulas de Língua Portuguesa e sua importância tanto para os professores como para os alunos. Foi escolhido como método de pesquisa a abordagem qualitativa, por permitir uma melhor aproximação com o objetivo do projeto, que procura explorar a subjetividade do tema e trabalhar com comportamentos humanos. Para a realização deste artigo, foram realizadas pesquisas em livros, em artigos acadêmicos, disponibilizados em *sites* da área de linguística. Os teóricos que embasaram esta pesquisa foram: Freire (2008); Geraldi (2006); Kleiman (1993); Martins (1994); Solé (1998); Zilberman (2003), os quais tratam sobre a relevância da leitura para a formação do estudante como indivíduo crítico, criativo, consciente e atuante na sociedade.

Palavras-Chaves: Leitura. Aluno. Educação.

Abstract

This work deals not only with the importance of reading and writing activities in the school institution, but also with how the school institution can contribute to children and adolescents in acquiring the reading habit. Therefore, the following objectives were outlined: a) to demonstrate that reading can be beneficial as a great tool in teaching/learning; b) point out how the school institution can contribute to the emancipation of its students through proposals for works with reading and writing. We understand that reading goes beyond decoding the linguistic sign. Thus, in this article, we seek to discuss what the understanding of a text involves and how the reader is built in a critical and reflective way. The development of the text will help to broaden the view of educators on the use of reading in Portuguese language classes and its importance for both teachers and students. The qualitative approach was chosen as the research method, as it allows for a better approach to the project's objective, which seeks to explore the subjectivity of the theme and work with human behavior. To carry out this article, research was carried out in books, in academic articles, available on linguistics websites. The theorists who supported this research were: Freire (2008); Geraldi (2006); Kleiman (1993); Martins (1994); Solé (1998); Zilberman (2003), which deal with the relevance of reading for the formation of the student as a critical, creative, conscious and active individual in society.

Keywords: Reading. Student. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	2
2.1	Como a leitura se manifesta e atua em nossas vidas.....	2
2.2	A escola no processo de formação leitora.....	6
2.3	Algumas considerações sobre as estratégias de leitura.....	10
2.4	Leitura e produção textual.....	14
3	CONCLUSÃO.....	18
4	REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata não só sobre a importância da leitura, mas também sobre como a instituição escolar pode contribuir com as crianças e adolescentes, oferecendo condições que os estimulem ao hábito de leitura, e descortinando um novo mundo de saberes e informações. Uma vez que a leitura é uma ferramenta fundamental para viver e compreender a sociedade e o mundo, a função da escola deve ser a de desenvolver a competência leitora dos alunos, ou seja, de construir leitores para a vida inteira

Para tanto, vamos verificar que a visão da leitura não pode ser concebida, exclusivamente, como transmissão de conteúdos em sala de aula. Essa ação deve ser revista, pois pode ser compreendida também como aquisição de conhecimentos em todas as fases da vida. Esse alargamento da visão de mundo é muito importante para o desenvolvimento crítico social do aluno, pois reafirma os conhecimentos dele sobre a vida e sobre o mundo. É imprescindível que a leitura seja aplicada, para despertar no aluno um encantamento e ser inserida em um contexto próximo ao aluno, com base na experiência particular de mundo, para que ele alcance o domínio da leitura e torne-se um agente ativo no ato de ler. Enfim, devemos considerar o valor da leitura como lazer, ascensão escolar e condição essencial de emancipação social e promoção da cidadania.

Por isso, a importância dos caminhos que as instituições e, principalmente, os professores, podem criar para que a criança se descubra leitora. A mediação do professor é essencial para que a compreensão chegue até à criança. Com atividades prazerosas, o professor pode estimular a evolução do processo de ler nos alunos, desenvolvendo neles uma melhor interpretação do que está lendo, produzindo indivíduos emancipados e capacitados para atuarem com autonomia na instituição escolar e na sociedade em que vivem.

Para melhor desenvolvimento deste trabalho, foi utilizada, como metodologia, a pesquisa qualitativa, por ser a mais adequada a esta proposta de trabalho. As pesquisas foram realizadas em *sites* da área de linguística, tomando o devido cuidado para buscar as informações em fontes seguras e confiáveis.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Como a leitura se manifesta e atua em nossas vidas

Segundo Freire (2008, p. 11), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. A leitura acontece desde nosso primeiro contato com o mundo, isto é, nos primeiros movimentos do nosso pequeno mundo. A partir do instante que começamos a entender o mundo em nossa volta, inicia-se o processo de leitura. Esse processo que acontece ao interagirmos com o mundo e com as pessoas, a partir da adição de experiências sociais, diante de imagens físicas ou em desenhos e filmes, em contato com objetos, palavras, ações, livros..., faz parte de uma série de elementos que interagem entre si e formam os conhecimentos prévios que vão nos acompanhar pela vida.

A descoberta da leitura pode ser um processo fascinante, como o surgimento de um mundo novo. Quanto mais atrativa for essa descoberta para a criança, mais parecerá prazeroso o ato de ler, retirando qualquer possibilidade de lhe parecer obrigatório e entediante. Dessa forma, com a leitura surgem inúmeros benefícios, pois possibilita que a criança se aproprie de várias realidades diferentes, melhora a oralidade, e, com isso, ela constrói linguagem própria, valores, novas ideias, sentimentos diversos, atributos esses que vão acompanhar toda sua trajetória de vida.

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p. 19-20)

Martins (1994) atenta para um diálogo sensorial com o objeto livro, o qual, segundo ela, apresenta “um prazer singular” na criança. Através dos sentidos, durante a leitura, a criança é impulsionada pela curiosidade, pela aparência, pelo manuseio acessível e pelas capacidades emotivas que o livro pode abrigar. A autora explica que “esse jogo com o universo escolhido no livro” (MARTINS, 1994, p. 8) pode incentivar

no pequeno leitor a conquista e o aperfeiçoamento da linguagem, desenvolvendo sua habilidade de comunicação com o mundo. Esses primeiros contatos provocam na criança o desejo de efetivar o ato de ler o texto escrito, o que favorece o processo de alfabetização. A probabilidade de que essa experiência sensorial aconteça será maior quanto mais constante for o convívio da criança com o livro.

Deste modo, começamos a perceber que a leitura é muito mais que simples interpretação das letras e sílabas. Segundo Orlandi (1988, p. 17), a leitura pode ter diversos sentidos como: “na escola significa o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto, a leitura também pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições”. Com a leitura, os sentidos de algo pode ser decifrado, compreendido, mas vale ressaltar que esses sentidos não precisam, necessariamente, ser desvendado por meio das palavras. É por isso que também utilizamos a chamada linguagem não verbal em nossos textos, que é um tipo de linguagem que não se estabelece por meio de palavras, mas, muitas vezes, por meio de índices, ícones e símbolos, por exemplo.

Ler é saber interpretar, compreender, e essa forma de interpretar não é única, pode variar de uma pessoa para outra, de seu contexto de vida, da época em que vive, do trabalho que executa, da família em que nasce, da sociedade que atua, entre outros. Um texto, para ser compreendido, vai depender desses fatores e também pode depender do leitor virtual que se introduz no interior do texto, visto que se a realização entre leitor virtual, ou seja, leitor para que o autor destina o texto e leitor real, indivíduo que lê o texto, é muito distante, torna-se difícil ocorrer a compreensão. (ORLANDI, 1988).

Ainda sobre leitura, podemos concebê-la como uma das formas de nos relacionarmos com a cultura, uma vez que ela tanto pode ocorrer quando assistimos uma peça de teatro, uma luta de capoeira ou ao lermos um livro. De acordo com Zilberman (2001), “a leitura, vista de um aspecto mais amplo, completo e crítico, traz a cultura, e há a necessidade de se conhecer a cultura, para haver a realidade da escola; não há preferência se não há o conhecimento da opção”.

Portanto, é compreensível a importância da leitura neste processo. Segundo Zilberman (2001, p.77),

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento de conhecimento geral ou específico.

Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando idéias e revendo conceitos.

Ler é dialogar; Quando lemos, estabelecemos um diálogo com a obra, compreendendo intenções do autor. Somos levados a fazer perguntas e procurar respostas.

Ler é exercitar o discernimento. Quando lemos, colocamos-nos de modo favorável ou não aos pontos de vista, pensamos argumentos e argumentamos dentro de nós mesmos, refletimos sobre opções dos personagens ou sobre as idéias definidas pelo autor.

Ler é ampliar a percepção. Ler é ser motivado à observação de aspectos da vida que antes nos passavam despercebidos. Ler bons livros é capacitar-se para ler a vida.

Ler o mundo, constitui-se em interpretar, em promover significados a uma sequência de acontecimentos que propaga nosso dia a dia. Ler, no sentido de dar significados, mantém o leitor como condutor da própria imaginação. O mesmo texto pode produzir diferentes efeitos, isso vai depender do que vai ser acrescentado durante a leitura. Cada leitor tem uma vivência, uma bagagem, uma experiência de vida que antecede essa leitura, isso vai provocar diferentes entendimentos e sensações com um mesmo conteúdo.

Como afirma Boff (1997, p. 35),

cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura.

De acordo com Koch (1997), uma boa leitura pode ser considerada aquela na qual o leitor consegue entender que além da definição explícita há uma outra implícita que está relacionada à intenção de quem está emitindo. Dessa forma, podemos afirmar que um texto possui múltiplas interpretações e leituras, dificultando, assim, atribuir um significado como único e verdadeiro. Contudo, nem sempre essa interpretação livre é aceita. Ou seja, para que o texto seja compreendido, vai depender da concepção, pelo leitor, dos significados deixados nos textos como marcas linguísticas, possibilitadas pelo autor para que sejam identificadas.

Sendo assim, o aluno deve estar preparado para detectar essas pistas, sendo possível, além da reconstrução do episódio enunciado, sua recriação através da sua própria visão de mundo. A autora destaca que se forem trabalhadas essas habilidades, o domínio de leitura pelo aluno será alcançado e ele se tornará um agente ativo, no ato de ler.

Sobre esse assunto, Kleiman (2009) assevera que

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. (KLEIMAN, 2009, p. 13)

Para Rangel (1990), o ato de ler determina uma relação entre o indivíduo e o universo que o cerca, mas isso não significa uma ação mecânica ou estática, e sim uma atividade em que se reconheça diversas interpretações, a descoberta dos sentidos do texto, até a procura da consciência do ser no mundo. Dessa forma, a leitura constitui uma vasta relação com o texto e uma ação mediadora entre a pessoa e o momento presente, ou melhor, é uma prática que, além de acrescentar conhecimentos, possibilita a quem a realiza posicionar-se e compreender-se como ser humano.

Na atualidade, o aprendizado da leitura e da escrita é classificado como sendo muito importante para o desenvolvimento crítico e social da criança no período escolar. Não havendo a leitura e a prática da escrita, a criança se identifica distante de sua função como aluno: ler e aprender a expressar suas ideias por meio da escrita. “A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as matérias escolares. Por isso, em cada ano/série, o aluno precisa desenvolver mais e mais sua capacidade de ler e escrever”. (BRASIL, 2006, p. 05)

A leitura dá vazão à criatividade, à imaginação e à expressividade e desdobra mundos para qualquer pessoa. Capacitar-se a ler é indispensável quando se habita em uma sociedade onde conhecer a leitura e escrita é vital. Por essa razão, o incentivo à leitura nos primeiros anos da escola é de máxima importância para o desenvolvimento de alunos leitores. De acordo com Solé (1998, p. 51),

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição.

A instituição escolar tem papel fundamental no processo de aprendizagem de leitura do educando. Compete a ela motivar o aluno para a exercício de leitura e de escrita e oferecer um projeto adequado de leitura a ser seguido, articulando a leitura com a vida

escolar e social do aluno. Dessa maneira, com apoio da escola, o aluno terá condições para que seu desenvolvimento como leitor seja de qualidade.

Na próxima seção, discutiremos qual o papel/ a contribuição da escola no processo de formação leitora.

2.2 A escola no processo de formação leitora

Atualmente, percebemos que os alunos estão, cada vez mais, afastados da prática efetiva da leitura. Fatores como *internet*, redes sociais, jogos *online*, televisão e também a falta de incentivo na família têm provocado o desinteresse por uma leitura mais direcionada para seu aprendizado escolar e, como consequência, muitos problemas como por exemplo, dificuldade de compreensão de textos, vocabulário limitado, erros ortográficos, enfim, uma série de dificuldades que atrapalham o rendimento escolar. Portanto, é preciso que a escola busque meios de promover o valor da leitura como lazer, ascensão escolar e condição essencial de emancipação social e promoção da cidadania.

De acordo com Orlandi (2005, p. 19),

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Por meio da leitura, o educando tem mais autonomia e, com isso, adquire capacidade de decisão, o que desperta sua criticidade e o torna mais livre para tomar decisões em sua vida. É através da leitura que o aluno adquire experiências que possibilitam a consolidação dos conhecimentos importantes de seu processo de aprendizagem. Assim sendo, é necessário que as instituições de ensino, os professores e a equipe pedagógica assegurem às crianças e aos adolescentes movimentos que possam despertar o prazer pela leitura e o valor do hábito de ler. O aluno deve entender que a leitura é uma ferramenta base para chegar às capacidades necessárias para uma existência de qualidade e de realização. Segundo Linard e Lima (2009, p. 09),

É fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por

todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada.

O desenvolvimento da percepção e da interpretação da produção textual dos alunos é um dos pilares do ensino da Língua Portuguesa. O professor age como um mediador no processo de ensino e aprendizagem com textos, o qual acontece por intermédio das ideias contidas nos conteúdos que convocam à leitura. Como sabemos, a leitura transporta os alunos para caminhos que os direcionam a novos horizontes. Em cada caminho seguido, nasce a possibilidade de inúmeros significados. Dessa maneira, é incontestável manter a prática de metodologias que incluem leituras em sala de aula. Segundo Lajolo (2004, p. 07),

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

O professor deve estar preparado para ensinar e educar, administrando o que a escola tem para auxiliar o aluno para que ele se torne um leitor proficiente em sua língua materna. Convém ressaltar que o aluno tem que estudar para que aconteça esse desenvolvimento e para que seja significativo. Assim sendo, o desenvolvimento do aluno como leitor é realizado dentro da escola, uma vez que, para muitos, o contato com a leitura se realiza apenas no ambiente escolar, como assegura Martins (1984, p. 25), “principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm talvez sua única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados com os livros didáticos”.

Entende-se que o ensino da leitura e da escrita deva ser motivado por toda a sociedade, mas a instituição escolar tem lugar principal nessa função, delegando aos professores a função de chamar a atenção dos educandos para a leitura e aprimorar a escrita de forma a apresentar ideias e pensamentos claros e coerentes. Os professores possuem, portanto, papel de mediadores do conhecimento. Conforme Martins (1984, p. 34),

A função do educador não seria precisamente ensinar e ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Contudo, não compete só ao professor de Língua Portuguesa trabalhar a leitura com os alunos. É necessário que todos os professores operem em conjunto e determinem metas relacionadas com as suas disciplinas, com o propósito de ensinar a esse aluno a ler diferentes tipos de textos e a identificar diferentes formas de leitura e de compreensão. Sobre esse assunto, Cagliari (1994, p.149) argumenta,

Não falo de ensino programado, que reduz tudo a um condicionamento pelo texto, mas penso que a escola precisa ensinar os alunos a ler e a entender não só as palavras, as histórias das analogias, mas também os textos específicos de cada matéria, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo, etc. A leitura não pode ficar restrita à literatura e ao noticiário.

Eventualmente, as práticas com a leitura em sala de aula passam por muitas alterações. Isto é, as escolas vão se adequando a novos formatos, oferecendo hábitos de leitura mais eficientes e que proporcionem hábitos de ler mais apropriado e eficazes. Percebendo o texto como elemento de ensino e aprendizagem e compreendendo-o como um instrumento de diálogo, seguramente a escola estará concordando que o aluno é um participante atuante dessa comunicação constante entre textos e leitores.

De acordo com esses argumentos, concluímos que a leitura pode promover o próprio conhecimento do aluno com o mundo, estabelecendo o início de uma construção intelectual, através do qual o indivíduo passa a ter acesso para aproveitar as satisfações que o ato de ler proporciona.

Para Solé (1998, p. 22),

O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; ampliar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc.

Martins (1986, p. 14) afirma: “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo”. Fica claro que tanto para Martins (1986) como para Freire (2008) viver precede a leitura, ou seja, cada indivíduo possui experiências individuais e, ao ler, muitos se reconhecem na forma escrita da leitura.

Portanto, a escola tem o dever de oferecer a continuidade do desenvolvimento da leitura, assim como na leitura de mundo, ao indivíduo, com relação à escrita. A escola possui o papel de construir cidadãos críticos, envolvidos com as causas sociais e conscientes do mundo ao seu redor. Assim, compete a ela, sob o comando do professor, proporcionar esse momento ao aluno, que é o de se perceber inserido no mundo. Segundo Freire (1996, p. 60),

O fato de me perceber no mundo com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere.

A escola como parte fundamental da formação leitora do aluno tem a incumbência de ter à disposição uma estrutura de qualidade, livros atualizados e em bom estado de conservação, possuir uma infraestrutura sólida, com ambientes muito bem planejados e bibliotecas conservadas. Para Freire (2008, p. 22), “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Dessa maneira, quando a escola investe na biblioteca, tanto na parte material, propiciando um ambiente confortável, onde o aluno possa se sentir bem e estimulado a ler um livro tranquilamente, quanto no papel motivacional, exercendo e aplicando a cultura da leitura, no qual os professores promovam a ida à biblioteca. Assim, a escola concretizará seus deveres quanto ao seu papel de oferecer a cultura da leitura, desse modo, ela formará cidadãos capazes de entender melhor o contexto do mundo em que estão introduzidos e de ocupar-se com questões sociais, afetivas, emocionais e psicológicas. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 36),

Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

No âmbito desta abordagem, fica evidente que os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a forma como se procede a uma atividade, seja ela individual ou coletiva, com intuito de facilitar à criança desenvolver seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem.

Sabe-se que os procedimentos estão relacionados ao domínio do uso de instrumentos de trabalho, que possibilitem a construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades. Favorecem, portanto, a construção, por parte dos alunos, de instrumentos que os

ajudarão a analisar os resultados de sua aprendizagem e os caminhos percorridos para efetivá-la. Como exemplo, tem-se a realização de pesquisas, produções textuais, resolução de problemas, elaboração de sínteses e outros.

Zilberman (2003, p. 16) assevera que "a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento pela leitura [...], por isso o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança". Portanto, os educadores podem ministrar um método de ensino com textos que estimulem o raciocínio dos alunos. Por exemplo, o trabalho com o gênero textual "charge" é desafiador, visto que sua interpretação é interdisciplinar, e abrange vários temas como política, racismo, meio-ambiente, violência, e outras situações sociais que estão em evidência nas mídias e que são abordados na *charge* com uma finalidade crítica, o que vai exigir do aluno uma visão mais ampla do que está sendo apresentado e de um acompanhamento crítico sobre as questões sociais atuais.

Ainda, de acordo com Zilberman (2006, p. 24), "O leitor iniciante não tem idade; e cada fase de sua vida é um bom momento para levá-lo a gostar de livros de ficção, pois as histórias estimulam seu imaginário, fortalecem sua identidade, ajudam-no a pensar melhor e a resolver problemas". Sendo assim, não interessa qual seja a idade do educando para se entusiasmar com a leitura, é fundamental um planejamento, para que o ato de ler se torne uma prática envolvente e se torne constante na vida da criança.

A seguir, apresentaremos, com base em Solé (1998), Goodman (1990), Kleiman (1993), as estratégias de leitura, que os leitores usam para facilitar o processo de entendimento da leitura. Além disso, na próxima seção, vamos verificar qual o papel que o professor exerce ao propiciar não somente a aprendizagem em leitura, mas também ao propor procedimentos que possibilitam a compreensão em leitura.

2.3 Algumas considerações sobre as estratégias de leitura

Com a finalidade de abordar as estratégias de leitura, começaremos com um pensamento de Kleiman (1993, p. 49). Vejamos,

não seriam as tentativas de ensino de leitura incoerentes com a natureza da atividade, uma vez que a leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor, e que, portanto, será diferente, para cada leitor,

dependendo de seus conhecimentos, interesses e objetivos do momento?

Não arriscamos dizer que o professor ensina estratégias de leitura. Elas são, de fato, construídas pelos leitores, ainda que possam ser estimuladas por meio de atividades desafiadoras. Por isso, ao professor, compete o papel de mediador e criador de condições de ensino que Solé (1998) concebe como procedimentos de construção conjunta, nos quais se institui uma “participação guiada” (SOLÉ, 1998, p.76), exemplificada pela representação do processo de "andaimes".

Nesse recurso, o professor oferece aos alunos os andaimes necessários para que eles sejam capazes de dominar progressivamente as estratégias e possam utilizá-las mesmo depois da remoção da ajuda inicial.

Segundo Kleiman (1998, p. 49),

quando falamos de estratégias de leitura, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira como ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.

As estratégias utilizadas na leitura de um texto constituem um conjunto de atividades mentais produzidas pelo leitor para a elaboração de um sentido. Essas estratégias constituem um processo cognitivo da leitura, e integram com as operações mentais que o leitor desempenha, na maioria das vezes, de modo instintivo, na interação com o texto para construir o sentido.

De acordo com Goodman (1990), uma estratégia é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação. O leitor, para esse pesquisador, cria estratégias para trabalhar com o texto de maneira a produzir significado ou compreendê-lo. Isso acontece através da leitura, por meio das seguintes estratégias básicas: a) a escolha de índices mais úteis que o texto oferece, de forma a não sobrecarregar o aparelho perceptivo; b) a predição, meio em que o leitor usa todo o seu conhecimento prévio para predizer o que virá no texto e identificar o seu significado; e c) a inferência, segundo a qual, os leitores acrescentam à informação disponível, o conhecimento conceptual e linguístico e os esquemas que já dispõe. Com bases nessas estratégias básicas, os leitores controlam sua própria leitura de maneira constante, para assegurarem-se que o texto tenha sentido.

Segundo Solé (1998), existem estratégias que facilitam a compreensão leitora e que poderão ser acionadas nas três etapas da leitura: antes, permitindo ao leitor se situar diante da leitura, provocando-o a assumir papel ativo no processo; durante, possibilitando produzir uma interpretação que o ajude na resolução de problemas; e depois da leitura, proporcionando a união das etapas anteriores de forma consistente.

Complementando as afirmações anteriores, Solé (1998), expressa essas estratégias, levando em consideração a presença de um leitor ativo e considerando o que pode ser determinado para incentivar a compreensão no decorrer do processo de leitura, não tendo a pretensão que essa sequência seja vista como movimentos rigidamente estabelecidos. Solé (1998) menciona, ainda, que a abordagem proveniente da leitura tem sido muito valorizada, em razão da sua característica compensatória, quando há barreiras de ordem linguística e textual. O ensino de estratégias de leitura guia o aluno-leitor a contornar dificuldades linguísticas, por meio de inferências apoiadas em elementos extratextuais.

A autora sugere um modelo interativo, em que os dois movimentos se sucedem continuamente na busca da compreensão. Solé (1998) explica que os elementos que compõem o texto provocam no leitor expectativas em diversos níveis, por exemplo, lexical, estrutural, os quais servem de estímulo a ser conferido com as perspectivas de nível semântico que, por sua parte, são validadas através de um processo descendente.

Podemos dividir as estratégias de leitura em: a) cognitivas, ações inconscientes do leitor, isto é, ações que o leitor realiza para alcançar algum objetivo de leitura sem estar ciente dele; b) estratégias metacognitivas, procedimentos realizados com algum objetivo em mente, mediante o qual o leitor tem controle consciente (KLEIMAN, 1993). A leitura é, desse modo, um processo que abrange um conjunto de estratégias cognitivas e metacognitivas de abordar o texto. Portanto, o ensino estratégico de leitura consiste na construção de estratégias metacognitivas e no desenvolvimento de habilidades verbais implícitos nos automatismos das estratégias cognitivas. (KLEIMAN, 1993)

Ainda sobre o ensino de estratégias, Solé (1998, p. 70) declara que elas “não amadurecem, nem se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se – ou não se ensinam – e se aprendem – ou não se aprendem”. É preciso ressaltar que o objetivo de se ensinar estratégias é o entendimento, com intenção de formar um leitor autônomo, capaz de empregar componentes metacognitivos para compreender textos de caráter diversos.

Para Kleiman (1998, p.61),

o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno.

De acordo com a autora, se o trabalho com a leitura em sala de aula não estiver apoiado em uma concepção bem definida, ou seja, se o professor e a escola não possuírem teoria suficiente e objetiva claramente definida com o que se pretende realizar, todo o planejamento corre o risco de não se configurar, e também pode ser conduzido para outros rumos, tornando-se distante do que se pretende, que é empregar a leitura para formar cidadãos cada vez mais críticos e reflexivos. Sendo assim, é preciso “formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução.” (SOLÉ, 1998, p.72).

A leitura concebe uma prática que ativa o sistema de crenças, valores e atitudes do leitor, retratando o grupo social em que foi criado. Então, para que a leitura ocorra, deve-se deduzir que o leitor tenha condições de ler e compreender o texto apresentado e isso só ocorre se o conhecimento prévio do leitor é observado durante o processo de escritura.

Kleiman (1998, p. 10) afirma que

ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

É essencial, para que o trabalho da leitura seja bem-sucedido em sala de aula, a utilização de um amplo e diversificado universo textual, criando oportunidades para o aluno entrar em contato com os vários tipos de textos que transitam socialmente, adquirindo autonomia e escolhendo o tipo de texto que mais se ajusta com o seu gosto ou com as suas necessidades. Portanto, é importante proporcionar para os alunos diversas situações nas quais a leitura esteja presente, pois é praticando que se aprende a ler e a interpretar. Assim, é preciso formar leitores que consigam confrontar conhecimentos, compreender experiências leitoras de um texto ao outro, colocar em ação os conhecimentos prévios e ter um olhar crítico sobre o que lê.

Para Kleiman (1998, p. 51),

o leitor proficiente faz escolhas baseando-se em predições quanto ao conteúdo do livro. Essas predições estão apoiadas no conhecimento prévio, tanto sobre o assunto (conhecimento enciclopédico), como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático) o gênero (conhecimento textual). Daí ser necessário que todo programa de leitura permita ao aluno entrar em contato com um universo textual amplo e diversificado.

Apoiado no conhecimento das estratégias da leitura, a escola deve relacionar a atividade de ler com as necessidades individuais e sociais do aluno, evidenciando a importância da leitura em todos os momentos da vida. Deste modo, ao longo da sua vida, o indivíduo terá possibilidades de lutar por aquilo que realmente deseja, utilizando a leitura em um plano pessoal e social, promovendo experiências por meio das quais poderá ampliar suas limitações, e adquirir conhecimentos profundos sobre si próprio, de outros seres humanos e de toda sociedade em que vive.

Na seção 2.4, a seguir, trataremos sobre a leitura e produção de textos como atividades essenciais para o processo de ensino e aprendizagem e que, por isso, merecem destaque no ensino da Língua Portuguesa.

2.4 Leitura e produção textual

A leitura e a escrita são práticas sociais muito importantes para o desenvolvimento da cognição humana. Ambas possibilitam o desenvolvimento da inteligência e da imaginação, além de proporcionar a aquisição de conhecimentos.

Para Andrade (2001), estamos tão acostumados a ler e a escrever, rodeados por uma vasta diversidade de textos, que se torna até mesmo impossível imaginarmos nossas vidas sem a escrita. Ao realizarmos uma leitura sobre determinado assunto, procuramos compreender e analisar aquilo que foi disposto no texto e o que o autor quis exprimir com aquelas ideias. Assim sendo, uma opinião é formada. Diversas questões vão surgindo de modo involuntário. Essa capacidade analítica e argumentativa da mesma forma vai se desenvolvendo por meio da leitura. Todas essas novas informações serão importantes no momento da produção de textos. Ao escrever sobre determinado assunto, torna-se possível a elaboração de ideias com um conteúdo muito mais atrativo e relevante. Logo, não há como negar que a leitura tenha uma atribuição fundamental para a produção de textos de qualidade. Para os PCN-LP (1998, p. 19)

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura

Ainda de acordo com os PCN-LP (1998, p. 24), “a compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino”. Para a produção de textos de qualidade, os alunos necessitam saber o que querem dizer, para que tipo de leitor escrevem e qual é o gênero textual adequado para exprimir essas ideias, optando por exemplo por: cartas, diários, bilhetes, entre outros. Em um primeiro momento, tem-se ideia de que todo discurso finaliza em si mesmo, ou seja, que ele se efetiva a partir de uma intenção que se caracteriza de acordo com os objetivos que se deseja atingir com a mensagem ora transmitida. Koch e Elias (2017, p. 61) asseveram que

Ao entrar em uma interação, cada um dos parceiros já traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, já é, por si mesmo, um contexto. A cada momento da interação, esse contexto é alterado, ampliado e os parceiros se veem obrigados a ajustar-se aos novos contextos que se vão originando sucessivamente.

Uma questão que frequentemente pode ocorrer é: como os alunos irão sentir prazer em escrever, se normalmente há uma repetição de atividades e temas? Não existe uma diversidade nas produções textuais estabelecidas pelos professores, nem mesmo uma relação dos temas propostos com as habilidades, conhecimento de mundo e o cotidiano dos alunos. Estes, frequentemente, não têm gosto pela escrita, pois, como nos fala Geraldi (2006, p. 65), “a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor quando lê os textos). A situação da língua é, pois, artificial”.

Geraldi (2006, p. 40) nos propõe o seguinte questionamento: “para que ensinamos o que ensinamos? ”, ou seja, com que objetivo ensinamos determinados conteúdos nas aulas de Língua Portuguesa? Para responder essa questão, à princípio, devemos compreender que ensinar o aluno a ler e a interagir com o mundo através do texto é o primeiro passo para que ele possa se estabelecer como sujeito. Da mesma forma, é importante fazê-lo posicionar-se através da escrita, pois, a nosso ver, é a oportunidade de materializar seu próprio discurso, apresentar seu posicionamento.

Koch e Elias (2016) compreendem a escrita como “uma atividade que se realiza de forma situada e negociada, ou seja, envolve sujeitos, com papéis determinados, em dada situação, com objetivos e conhecimentos que compõem uma espécie de base comum.” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 10). Escrever é um ato que implica interagir, isto é, comunicar-se com o outro e, nessa perspectiva, tendo a produção de texto como lugar de interação e a escola como ambiente que oportuniza esse momento, procura-se uma proposta que faça com que o aluno socialize, reflita e dialogue com o outro, seja através da escrita ou da oralidade. Segundo Geraldi (2006, p. 41),

mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, ao não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

Com base nas palavras de Geraldi, podemos concluir que a linguagem como recurso de interação vai além do ato de ler e escrever. O emprego da língua envolve a interação de diversos atores comunicativos e contexto social ou cultural no qual o locutor e interlocutor subsistem.

Geraldi (2003, p.20), pensando na produção escrita dos alunos, explica que se sabemos “o que temos a dizer, para quem dizer, razões para dizer, então estaremos em condições de escolher estratégias de dizer, porque elas dependem de nosso assunto, de nossas razões, de nossos interlocutores”. Nessa perspectiva, o autor indica a urgência de os professores reconhecerem um outro lugar na relação com seus alunos quando estiver trabalhando produção de textos com eles. De acordo com o autor, um professor ensina a escrever quando

Assume os processos de escrever do aluno, tornando-se dele um co-enunciador, um leitor privilegiado e atento, um colaborador capaz de encorajar o outro a continuar buscando a melhor forma de dizer o que quer dizer para quem está dizendo pelas razões que o levam a dizer (GERALDI, 2003, p. 21).

Possivelmente, este seja o momento de os professores reverem seus lugares nas escolas, em todos seus segmentos, nos diferentes níveis, e se questionarem, em qual medida, conseguirão acompanhar a produção dos alunos sendo coenunciadores ou

leitores beneficiados dos textos, provavelmente, signifique não estar indiferente a todas essas letras escritas no contexto escolar (GERALDI, 2006).

Na atualidade, o grande desafio das escolas é desenvolver nos alunos práticas tanto de leitura quanto de escrita. No ensino de Língua Portuguesa, o que vem sendo muito trabalhado, atualmente, é a produção textual. A partir das séries iniciais, o texto coletivo e individual já é trabalhado, com intenção de desenvolver nos alunos a criatividade e de aprimorar a maneira como se expressam na linguagem escrita. Uma vez que vivemos em uma sociedade que reivindica dos alunos conhecimentos muito mais amplos do que a simples reprodução de conteúdo, compete a ele hoje saber ler, produzir, criar e recriar, comunicar e expressar suas ideias. Por isso, a orientação dos PCNs (1998) para os educadores é que selecionem recursos didáticos e metodologias que viabilizem e enriqueçam a maneira como se procede a uma atividade, seja ela de forma individual ou coletiva. O objetivo é contribuir para que o aluno desenvolva seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 36).

Os PCNs (1998) orientam para esse novo direcionamento para o ensino, destacando que os alunos devem utilizar as diferentes linguagens como forma de inserção social e “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.” (PCN, 1998, p. 67). Convém ressaltar que, para obter e construir conhecimentos, é preciso dominar fontes variadas de informação e recursos tecnológicos, pois elas auxiliam para que se use a língua de modo variado e mais atuante. Os meios tecnológicos, especialmente aqueles disponíveis com as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), estabelecem novas organizações textuais e visuais, transformando a relação do leitor com o texto.

Os alunos enfrentam grandes dificuldades, por sua vez, a escola não prioriza o conhecimento que o aluno traz para a sala de aula, conhecimento esse que poderia ser transformado em aulas de produção textual, sendo utilizado, assim, o trabalho com os gêneros textuais e com as variações linguísticas. Cabe ao professor fazer uma revisão de sua própria prática e refletir sobre suas crenças, reformulando seus conceitos e considerando as necessidades e interesses dos alunos.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa, conseguimos perceber que o tema é de extrema importância e há muito o que ser debatido e explorado, não sendo possível considerá-lo como fonte esgotável de discussões. A leitura está presente em todos nossos momentos e, em razão disso, nos orienta na aquisição de informações e saberes. Ela possui um poder fascinante, pois nos oferece um mundo novo, com a possibilidade de apropriação de várias realidades diferentes.

Dessa forma, a linguagem literária pode ser entendida como uma construção de estratégias linguísticas próprias, uma vez que ela apresenta diferentes perspectivas da realidade, pois demanda um complexo, lento e criativo processo de significação do texto pelo leitor, cujos resultados fazem refletir, questionar e, em alguns casos, desconstruir e reconstruir conceitos, propondo novas concepções e interpretações da realidade.

Percebemos que a realidade atual vem distanciando, cada vez mais, nossos alunos do ato de ler. O acesso reduzido da leitura no contexto familiar e a carência de incentivo têm causado pouco interesse para leitura e por resultados, decorrendo nas dificuldades acentuadas de construção e interpretação de textos, que sentimos nas escolas. Estimulando a leitura, os alunos compreenderão melhor o que estão aprendendo em sala de aula e o que acontece no mundo em geral. Assim, os professores, ao ensinarem estratégias e incentivarem a leitura, estarão entregando aos alunos um horizonte totalmente novo.

Sabemos que sem ler e, conseqüentemente, compreender um texto, o aluno tem uma grande dificuldade para realizar pesquisa, construir textos, posicionar-se e criticar. Por isso, a nossa certeza que a equipe docente precisa ter plena consciência de que o aluno deve ter o domínio sobre a linguagem oral e escrita. Assim, se essas habilidades forem trabalhadas, o aluno, certamente, terá, como ato de prazer, o domínio da leitura, que é um requisito imprescindível não só para emancipação social/ educacional, mas também para a promoção da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Leila Minatti. A escrita, uma evolução para a humanidade. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 1, número 1, jul./dez. 2001. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0101/12.htm>. Acesso em: 12 abr. 2012.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**: 4ª ed. São Paulo, SP, Editora Scipione, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49ª ed, São Paulo: Cortez, 2008.
- GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. Aveiro: Universidade de Aveiro, CIFOP, 2003. p. 9-21. (Palestra proferida na Semana da Prática Pedagógica).
- _____. **Concepções de linguagem e ensino de português**. 4. ed. In: _____. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. São Paulo: Ática, 2006, p. 39-46.
- _____. **Unidades básicas do ensino do português**. 3ª ed. São Paulo, 2003
- GOODMAN, Kenneth S. Reading: um jogo de adivinhação psicolinguística. Em: RUDDER, R. B. et al. **Modelos teóricos e processos de leitura**. 2 ed. Newark: IRA, 1976.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor. Aspectos cognitivos da Leitura**. Campinas: Pontes. 1998.
- _____. **Oficina de leitura, teoria e prática**. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- _____. **Argumentação do Letramento** – Campinas; Mercado de letras, 1997.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017.
- LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP. Ática, 2004.

LINARD, Fred; LIMA, Eduardo. **O X da questão**. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, abr. 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção Primeiros Passos).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **LEITURA perspectivas interdisciplinares**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RANGEL, Mary. **Dinâmica de leitura para sala de aula**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Leituras**. 2006. Ed. Carlos Neri e Eduardo Trindade / Estação Gráfica acesso em 10 abril 2018.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11. Ed. São Paulo: Global, 2003

_____. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.